

AUGUSTO DE LACERDA

O
Pasteleiro
DE
Madrigal

Tragi-comédia em 5 actos



Editores: FERREIRA & FRANCO, LTD.
LIVRARIA PORTUGUESA

154, Rua da Magdalena, 156
— LISBOA —

AUGUSTO DE LACERDA



O
Pasteleiro
DE
Madrigal

Tragi-comédia em 5 actos

*Primeiro prémio no concurso de originaes, instituido pelo decreto
n.º 7762, de 31 de Outubro de 1921.*

Representada no T. Nacional Almeida Garrett em 25 de Janeiro de 1924

OLFLON 00999



Editores: FERREIRA & FRANCO, LTD.

LIVRARIA PORTUGUESA

154, Rua da Magdalena, 156

— LISBOA —

PERSONAGENS

Gabriel d'Espinosa
 Frei Miguel dos Santos, vigário do
 Mosteiro de Santa Maria-la-Real...
 D. Rodrigo de Santillana, alcaide de
 casa e corte
 Dr. Mendo Pacheco, licenciado
 Lorenzo Davila, da Ordem de Jesus.
 Duque d'Aveiro (D. Jorge)
 Conde de Redondo (D. João).....
 D. Rodrigo d'Alancastre
 Dr. D. João de Llanos y Valdez, es-
 molder de D. Filipe II, commissário
 apostólico do Santo Officio

D. Ana d'Austria, sobrinha bastarda
 de D. Filipe II, abadessa do Mos-
 teiro de Santa Maria-la-Real.....
 Inês Cid, amante de Gabriel.....
 D. Luiza de Grado, freira, e camareira
 de D. Ana.....
 D. Maria Nieto, idem, sua irmã.....
 Carmen, «la Rubia», moça de fortuna

D. Garcia de los Caballeros, estu-
 dante
 Gil Lopes, pasteleiro.....
 Romualdo, escrevente do alcaide....
 Frei Anastácio, capuchinho mendi-
 cante.....
 Braz, creado.....
 João Roderos, idem.....

Dolores, creada de Gabriel.....
 Angela, idem.....
 Uma freira.....
 Clara Eugénia, filha de Gabriel.....

1.º estudante
 2.º
 1.º vilão
 2.º
 1.º aguazil
 2.º
 3.º
 4.º

Sr. Clemente Pinto

» Rafael Marques

» Joaquim Costa

» Ribeiro Lopes

» Luiz Pinto

» Joaquim d'Oliveira

» João Calazans

» Ruben de Melo

» Luiz Nogueira

D. Ester Leão

D. Albertina d'Oliveira

D. Emilia Fernandes

D. Ofélia Brochado

D. Maria Pilar

Sr. Carlos Sousa

» Antonio do Nascimento

» Mário Caldeira

» Teixeira Soares

» Julio Barroso

» Reis Damaso

D. Irene Izidro

D. Romana Moreira

D. Berta Pratas

N. N.

Sr. Aurélio Rodrigues

» Fernando Abreu

» Luciano Marques

» Afonso Martinez

» Carlos Shore

» Artur Moura

» José Henriques

» Antonio Sousa

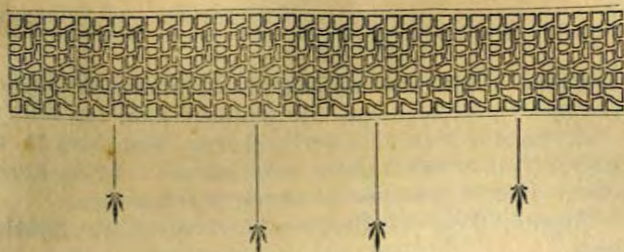
Freiras, estudantes, vilões e vilões, aguazis,
 creados, moiras bailadeiras.

O 1.º, 2.º, 3.º e 5.º actos em Madrigal; o 4.º em Valladolid.

1594 — 1595

PRIMEIRO ACTO

A pastelaria de Gabriel d'Espinosa. Ampla quadra térrea; tecto baixo, de vigas. Construção de século anterior ao da acção da peça. Ao F., larga porta em arco, por onde se vê a praça de Madrigal. Uma janela esguia de cada lado da porta; junto da parêde, sôb uma das janelas, mēsa de quatro pés e cadeiras. A' E., a curta distancia da parêde, corre o balcão; por detraz dēle, na parêde, prateleiras com canecas, pratos, talheres, garra-fões, frascos e picheis; no último plano, porta para a cosinha. A' D., escada de madeira com patamar no cimo, e nēle porta para a moradia de Gabriel. Perto do balcão, mēsa e cadeiras; outra mēsa e cadeiras à D. F. Uma cadeira na extrēma D. B. Parêdes caiadas. No balcão, pratos com empadas, pasteis, doces. E' dia claro.



SCENA I

Estudantes e vilões sentados ás mesas. Gil Lopes ao balcão, dirigindo o serviço das criadas Dolores e Angela. Animação.

Gil — Vamos! vamos! Este Rueda!

Dolores — Venha êle!

D. Garcia — E a empada d'ádem para nós?

Gil — E' um pronto, sr. doutor.

1.º estudante — Prontos estamos nós há uma hora para comê-la, e não lhe pômos a vista em cima, quanto mais os dentes!

Gil — indo à porta da E. : — Eh! Paco! A empada que mandei aquecer para o sr. doutor D. Garcia?

Uma vóz — Ai vae, ai vae.

Angela — Hidromel para aquella mēsa.

D. Garcia — Hidromel! Ai, rica Senhora da Agonia! Quem será a dona?

2.º estudante — Cala-te lá! Não comeces com as tuas.

D. Garcia — E' vilão, pela certa.

1.º vilão — E' gente honrada, que não se mete com quem está.

Dolores — A vossa empada srs. doutores. (*Pondo-a na mesa:*) Perfeição que até podia ir para um altar!

D. Garcia — Dessa a livrarei eu. Vou levá-la a professar... (*Indicando o estômago*)... neste mosteiro. Tudo é maneira de servir a Deus.

Ângela — Dois covilhêtes de crême para aquela mesa.

D. Garcia — Eu bem digo. Hidromel e crême... E' dona, e das mais delicadas!

1.º vilão — (*erguendo-se:*) Á fé, que essa escória d'estudante não solta outra!

2.º vilão — (*idem:*) Que disse lá aquele ôdre rebentado?

D. Garcia — (*idem:*) Que te corta a ponta do nariz, se nisto fazes muito empenho.

(*Todos se erguem ameaçadores*)

Gil — Por amor de Deus, sr. doutor D. Garcia! E vós, srs., pela Virgem del Pilar! Se os aguazis aparecem...

D. Garcia — Vão todos para os quintos dos infernos!

SCENA II

Frei Miguel — (*que apparecêra ao F., no seu hábito de agostinho:*) Que alvorôço é este? (*Desce*) Insensatos! Quando acabareis com taes vergonhas, que fazem desta nobre vila permanente fervedouro de ruins paixões?

1.º vilão — Insultam a toda a hora o nosso brio!

2.º vilão — E roubam as nossas môças!

1.º estudante — Invejam-nos, e amesquinham a nossa condição!

Frei Miguel — Basta! (*Trata de aquiétar os vilões.*)

D. Garcia — (*baixo aos seus:*) Estou com tentações de descobrir o que haverá numa barriga de frade!

2.º estudante — Não vês que é Frei Miguel dos Santos, antigo provincial dos Agostinhos?

D. Garcia — Vejo. O tal português revêssô, amigo do Prior do Crato, que disputou a el-rei a corôa de Portugal.

2.º estudante — Confessor de D. Ana d'Austria...

Frei Miguel — (*aos vilões:*) Vamos lá! esqueceis quanto Madrigal é devedora áqueles que vêm aqui buscar as luzes do espirito? Que seria da vossa vila, sem o mosteiro de Santo Agostinho, o seu seminário, os seus estudantes? (*A estes:*) E vós, futuros repositórios da sciencia divina e humana, respeitai êste solo sagrado, onde olhos piedosos ainda enxergam as pisadas da rainha senhora D. Isabel-a-católica, aquela santa, cujas virtudes assombraram o mundo. — Tudo acabou, não é assim? Pois sentae-vos, e comei em paz.

D. Garcia — Maldito frade, mais o seu sermão! Deixou-me o sangue a ferver!

(*Vão-se sentando tódos*)

Frei Miguel — (*baixo, a Gil:*) Que foi?

Gil — (*muito humilde:*) O costume. Os srs. estudantes vêm das suas terras, e entendem que a vila é só deles...

Frei Miguel — Rapazes... rapazes...

Gil — Alguma novidade aqui vos trouxe?

Frei Miguel — (*dissimulando:*) Passava por acaso. E já agora permaneço um pouco a certificar-me da quietação dos ânimos.

Gil — Quereis entreter-vos com D. Gabriel, meu amo? Como já vos disse, é boa pessoa, e muito bem falante.

Frei Miguel — Deixa. Mal o conheço... Apenas o vi quando veio estabelecer-se, há quatro meses...

Gil — (*Indicando a comida do balcão:*) Não me atrevo a perguntar se vos apetece...

Frei Miguel — Porque não? Mais logo, talvez. (*Vae sentar-se na cadeira da extrema D. B., tira da manga um livro de orações, e lê.*)

SCENA III

Frei Anastácio — *no seu hábito cinzento de capuchinho mendicante, vem pelo F., estendendo o saquitol à esmola. E' meio-pateta, surdo, com a mão sempre em concha a um ouvido, e não articula os rr.*) Caridade, irmãos, caridade.

1.º estudante — Bateis a má porta. Quem diz estudante, diz quasi mendicante, como vós. (*Indicando os vilões*) Mudae de rua, que quem diz vilão de Madrigal diz homem de real.

D. Garcia — E dos de «á ôcho!»

2.º estudante — Mas se quereis comer...

Frei Anastácio — (*dirigindo-se aos vilões que mais ou menos o atendem:*) Não poderia regalar-se com taes manjares quem está sujeito a ordem tão pobre e severa.

D. Garcia — Bem respondido! Vivam os virtuosos reverendos capuchinhos!

Os estudantes — Vivam os capuchinhos!

Frei Anastacio — (*a Frei Miguel:*) Caridade, irmão, caridade. (*Em voz baixa.*) Vem pela estrada velha uma liteira, e atraz dela um macho com uma arca. Certo será aquele que aguardaes de longe.

Frei Miguel — (*que se erguera, buscando uma moeda na manga, deita-lha no saquitel.*) Perdoae, irmão, a mesquinhez do óbulo. (*Em voz baixa:*) Vae certificar-te, e procede em tudo com discreção, como te instrui (*Torna a sentar-se, lendo.*).

(*Frei Anastácio sae pelo F.*)

SCENA IV

Entretanto, Inês entrou com a filhinha ao côlo, seguida de uma criada com um cesto de hortalança e fruta. Movimento, à sua chegada, entre os estudantes.

1.º estudante — Acordae, ó gentes! Tornou a nascer o dia!

2.º estudante — Rosa e botão na mesma haste!

D. Garcia — Viva a mais bela entre as belas!

Todos — Viva! Viva!

Inês — (*sécaimente:*) Obrigada. Guardae porém vossos louvores para quem os mereça. (*A Gil:*) D. Gabriel?

Gil — Em casa, senhora.

Inês vai-lhe dando algumas ordens, indicando o cesto que a criada trouxe.

D. Garcia — (*que avançara de caneca em punho:*) Livres sômos, livres sois, como simples governante do pasteleiro. Se bem o governaes, a êle, a qualquer de nós poderieis governar igualmente.

Inês — Sois de bôca mui rija, e eu tenho as mãos finas de mais para o govêrno de rêdeas tão trabalhosos. (*Dirije-se para a escada, enquanto a criada sai com Gil pela E.*)

D. Garcia — (*regressando ao seu grupo, que ri :*) E assim me chamou burro a atrevida !

1.º estudante — A virtude em pastel de folhado !

Inês — (*parando, surpresa, em frente de Frei Miguel, que se ergueu com sorriso amavel :*) O reverendo Frei Miguel dos Santos ! . . .

Frei Miguel — Conhece-me, vossa mercê ?

Inês — Quem não vos conhece ? Esperais por alguém ?

Frei Miguel — Descanço, apenas.

Inês — Porque não subis ? D. Gabriel muito prazer teria . . .

Frei Miguel — (*animando a criança, unctoso, mas com reservada intenção :*) É vossa filha ?

Inês — (*perturbada :*) Eu sou solteira. É a filha de D. Gabriel.

Frei Miguel — Ah ! êle é viuvo ?

Inês — Confiou esta menina aos meus cuidados . . .

Frei Miguel — (*pegando na criança :*) Em Portugal, onde se conheceram . . .

Inês — (*mais perturbada :*) Sabeis ?

Frei Miguel — Creio ser eu a única pessoa que o sabe, em Madrigal. Mas se isto vos molesta, não o repetirei.

Inês — (*tentando tirar-lhe a criança, para terminar a conversa :*) Decididamente, não desejais subir ?

Frei Miguel — Outra vêz será. (*Entregando-lhe a criança :*) Ide com Deus.

Inês — Reverendo... (*Sobe e entra em casa*).

Frei Miguel torna a sentar-se, lendo.

SCENA V

D. Garcia — Pelo visto, Frei Miguel tem a bôca doce.

1.º estudante — É que a pasteleira não gosta de garraños ; prefere o gado velho.

Frei Anastácio — (*á porta, junto de um desconhecido, que observa atentamente o local:*) Caridade, irmão, caridade. (*Aceita a esmola que elle lhe dá.*) Vossa mercê porque não entra ? É tudo gente honrada. (*Entram os dois*).

D. Garcia — Cara nova.

1.º estudante — Com seu geito de português, an ?

D. Garcia — Empoeirado ; chegou agora, ia apostar.

O desconhecido, ao dar com a vista em Frei Miguel, atenta nêle, e tem discreta expressão de alegria.

Frei Anastácio — (*que a notou, logo em seguida :*) Já percebi quem sois. É preciso disfarçar. (*Em voz alta*) Sim, tudo gente muito honrada, ilustre forasteiro. E tendes ali o mais douto e virtuoso de quantos vivem nesta grande vila ; o mui célebre Frei Miguel dos Santos, português de nascimento, e castelhano de coração.

Desconhecido — De vista vos conheci em Lisboa, onde fui nado, e lá admirei vossas virtudes e luminoso engenho.

Frei Miguel — Creio estar também reconhecendo...
Desconhecido — O doutor Mendo Pachêco.

Frei Miguel — Bem me parecia. (*Apertam a mão calorosamente*) Permis que vos ofereça pousada no Mosteiro de Santo Agostinho, se não a tendes certa ainda?

Mendo — Confundis-me...

Frei Miguel — Frei Anastácio fará conduzir a vossa arca para a minha cela. Entretanto, descançareis aqui e algo comereis, para repôr-vos das últimas horas da jornada.

(*Frei Anastácio sai logo*)

D. Garcia — Que ave de arribação será aquela?

2.º estudante — Tem cara de físico mata-gente.

Gil — (*a quem Frei Miguel já ordenara o repasto:*)
Deixai ao meu cuidado; sereis servido como um príncipe.

SCENA VI

Frei Miguel — (*indica ceremoniosamente a Mendo um lugar na mesa da D. B., e, apenas se sentam, a meia-vóz:*)
Finalmente, meu querido Mendo! Mal posso contar o júbilo! Que novas trazes da nossa amada pátria?

Mendo — Tristes! por isto lhe fugi, acedendo ao teu convite, fiado na promessa de me obtêres colocação.

Frei Miguel — Sempre desiludido, como em tuas missivas!

Mendo — E tu? Sempre o mesmo visionário? Ah! Miguel, nada fará ressurgir o nosso Portugal. A chaga

aberta pela garra de Castela, gangrenou; apodrecêmos em vida!

Frei Miguel — Cala-te! Por muito corrompidos que estejam os nobres, e por muito embrutecido o povo, ainda haverá portugueses!

Mendo — Morreram os últimos há catorze anos, em Alcantara, pelejando pelo Prior do Crato. Um só escapou: tu. Mas o que pode um só?...

Frei Miguel — (*erguendo a voz, ao aproximar-se a criada Angela com toalha, pratos, copos, talheres, etc.*) Pois vindes no melhor ensejo para estabelecer-vos em Madrigal com a vossa sciencia. Apresentar-vos-ei a sua altêza a senhora infanta. Dar-vos-ão tão benévola acolhida, que de pronto obtereis larga clientela, não só aqui mas até em Medina e Valladolid.

Mendo — Não sei como agradecer-vos.

(*Angela vai pondo a mēsa.*)

D. Garcia — E queixam-se os portuguezes de falta de sorte. Aquele ainda não se limpou da poeira, e já tem certo o ganha-pão.

Os estudantes — (*vendo o grupo de moiras que parou á porta:*) As moiras! as moiras!

(*Movimento geral.*)

D. Garcia — Eh! entrai!

1.º estudante — Vinde, formosas!

1.º vilão — Nisto estamos todos d'acôrdo. Venham as bailadeiras!

D. Garcia — Vivam as huris de Mafamed!

2.º vilão — Mas olhae que está ali Frei Miguel.

2.º estudante — Isso arranja-se. Ides vêr. (*Avança com hipócrita humildade para Frei Miguel, que serve Mendo da empada pouco antes posta na mēsa por*